

SOBRE O DOCOMOMO BRASIL

Lúcio Gomes Machado

Doutor, FAU-USP, luciogmachado@gmail.com

Coordenador geral da comissão executiva do DOCOMOMO Brasil 2000-2001

SOBRE O DOCOMOMO BRASIL

A primeira vez que ouvi falar em Docomomo foi durante o 7º SAL – Seminários de Arquitetura Latino-americana organizado na FAUSP pelo Professor Paulo Bruna, com minha colaboração. Muitos arquitetos e historiadores de toda a América Latina com palestras de altíssimo nível e, ainda uma oportunidade rara, naquele tempo, de termos contato com pesquisadores de outros estados. Entre eles, lá estava a Anna Beatriz Ayroza Galvão, divulgando a novidade: o Docomomo e a sua seção brasileira. Para ser sincero, não acreditei que a iniciativa teria futuro. Mas, depois de algum tempo, aderi ao Movimento e acabei sendo eleito Coordenador. Infelizmente, não consegui realizar muita coisa.

Há alguns momentos na História do Docomomo no Brasil que creio merecerem registro. Claro, são pequena história, mas creio ser importante fazerem parte da História.

Em 2000, foi realizado a 6ª. Conferência do Docomomo em Brasília, organizado pelo “missionário” Prof. Frederico de Holanda, com grande dificuldade e pouquíssimos recursos, além um nítido preconceito contra os “subdesenvolvidos”. A conferência foi realizada no Minhocão da Universidade de Brasília, coma precariedade de instalações e de manutenção que caracterizam nossas universidades públicas. Reclamações constantes ao organizador e diferenças conceituais vieram à tona

O principal conflito não explícito era a conceituação que pretendiam os fundadores holandeses do Docomomo, restringindo o “Movimento Moderno” aos arquitetos pioneiros europeus das décadas 1920 e 30, colocando o nosso “Moderno” em segundo plano, tanto o tomarem como ser uma consequência da arquitetura do hemisfério norte quanto por conhecerem muito pouco de nossa produção. Evidentemente, desconheciam as obras de nossos pioneiros que estavam absolutamente sincronizados com a produção europeia. Por outro lado, desconheciam também que a arquitetura moderna brasileira teve uma continuidade entre as décadas de 40 e 50 que a Europa não pôde ter, em razão da Segunda Guerra Mundial. Certamente, também desconheciam que, além de alguns arquitetos que tiveram divulgação internacional de suas obras, havia um significativo contingente de profissionais que estavam respondendo ao desafio apresentado por um país que crescia em termos populacionais e em área urbanizada com escala somente observada nos países em desenvolvimento, fenômeno estranho aos europeus que precisaram enfrentar a reconstrução de suas cidades, indústrias e prática profissional. Menos ainda, podiam entender uma arquitetura que havia sido proposta por muitos arquitetos europeus que imigraram em nosso território e aqui produziram um moderno muito peculiar, com conceitos e técnicas construtivas adaptadas à nossa realidade.

Um lamentável episódio foi a programada eleição do Prof. Gerard Monnier para Presidente do Docomomo Internacional, durante a Conferência de Brasília Além de terem tentado recusar sua contribuição científica para a Conferência, por ocasião da eleição não admitiram que Monier apresentasse sua candidatura em francês, exigindo a língua inglesa que deveria ser a língua oficial do Docomomo. Fomos obrigados a ouvir o grande professor e historiador do Movimento Moderno lendo, com extrema dificuldade, um texto seu traduzido para o inglês. Por que desprestigiar um especialista deste porte em arquitetura moderna?

Mas Brasília, por si só, é sempre um monumental espetáculo! E sua arquitetura foi aos poucos conquistando os holandeses, ao lado dos artigos apresentados por brasileiros e especialistas de outros países, que deixavam claro ser o movimento moderno muito mais abrangente que a estreita visão origina holandesa. Uma surpresa final acabou com qualquer pretensão de hegemonia eurocêntrica: a recepção de encerramento, realizada no terraço de cobertura do Itamaraty, com vista a cavaleiro da Esplanada dos Ministérios e assistindo a um pôr do sol arrebatador, seguido de um recital de piano de Marcelo Bratke com músicas brasileiras. Como sabemos, há poucos edifícios no mundo com a qualidade e a imponência do projeto de Oscar Niemeyer: liquidou a prepotência holandesa.

Um outro acontecimento, bem mais recente, mostrou como o Docomomo pode e deve se mobilizar para a preservação das obras de arquitetura moderna. No final da década de 1990, fui Conselheiro do CONPRESP - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo. Quando ingressei no Conselho já estava aberto um processo com o arrolamento de 50 imóveis passíveis de tombamento, entre casas e edifícios, cujo exemplar mais antigo era a Vila Penteado, projetada pelo Arq. Carlos Ekman em 1902, e que fora a partir da década de 50, a sede da FAUUSP. O relator do processo, Arq. Victor Hugo Mori propôs um critério para vincular os imóveis; proporcionar a visualização de uma história da habitação burguesa no século XX. Alguns imóveis foram descartados e um conjunto muito significativo de imóveis, com ênfase em edifícios modernos de apartamentos. Na discussão sobre quais e porque os imóveis deveriam ou não serem tombados, o Docomomo não pode estar presente.

Pouco tempo depois, propus o tombamento da Praça Vilaboim, situada na frente do Edifício Louveira importantíssima obra de João Villanova Artigas e Carlos Cascaldi. Essa praça de forma triangular, que é fundamental para que esse edifício possa ser admirado e compreendido, já tinha uma de suas faces verticalizada enquanto a outra estava ainda ocupada por uma série de sobradinhos em fase de transformação em lojas. O tombamento proposto referia-se à escala da praça, com a manutenção da baixa altura dos sobradinhos, e à vegetação exuberante existente em seu centro. Depois de um longo período o DPH - Departamento do Patrimônio Histórico, órgão técnico de apoio ao CONPRESP, propôs a limitação do gabarito de novas construções em toda a quadra onde se situa o Edifício Louveira em 10m.

Há cerca de dois anos, um arquiteto com certa relevância na área da Preservação foi contratado para projetar um edifício de apartamentos com altura significativa, em terreno lindeiro do Edifício Louveira, onde existe uma casa que não havia sido tombada pelo processo acima mencionado. Uma agravante é que uma das características fundamentais do projeto tombado que é a existência de um jardim entre os dois blocos do conjunto, configurando um prolongamento espacial da praça em termos de

ambiência e de vegetação. Evidentemente o edifício projetado configuraria um paredão que limitaria a continuidade espacial. Uma das alegações que o mencionado arquiteto mencionou em favor de sua proposta é que seriam construídos terraços com vegetação, o que teria efeito semelhante ao ambiente existente. Com uma manobra que se mostrou ilegal, conseguiu modificar o gabarito da quadra e aprovar o projeto pelo CONPRESP.

O fato provocou justificada comoção entre os moradores do Edifício Louveira e na população do bairro, os quais procuraram o auxílio de professores, arquitetos e também de entidades como o ICOMOS e o Docomomo para reverter a aprovação do Conselho. Ao lado de pareceres de técnicos do DPH e de pesquisadores de história do bairro, o Docomomo apresentou um parecer fundamentado demonstrando a absoluta inconveniência da aprovação do projeto. Felizmente, conseguimos a reversão da decisão. No caso ficou clara a importância da participação do Docomomo e o seu peso como instituição para a reversão, embora vários conselheiros tenham relutado muito e rever seu voto.

A partir desta experiência, ficou clara para mim a importância de tornar o Docomomo mais visível para a sociedade, com participação mais ativa na discussão dos espaços urbanos e na defesa da preservação do patrimônio modernos, o que pode ser perfeitamente exercido concomitantemente com a permanente discussão científica sobre o moderno, conduzida pelos seus associados.

Neste mesmo sentido, uma outra questão me preocupa. Os bem-sucedidos encontros e conferências do Docomomo têm se organizado como reuniões científicas semelhantes a reuniões acadêmicas. Evidentemente esse espaço é importante para dar visibilidade para as pesquisas acadêmicas seja como iniciação científica, seja como partes de mestrados ou de doutorados. No entanto, o Docomomo deve ser mais que isto. Deveriam os encontros incorporar leigos, proprietários de imóveis modernos e participantes de sociedades amigos de bairros interessados na preservação da arquitetura e da urbanização do século XX. A versão acadêmica do Docomomo me parece uma forma muito reduzida do que a organização pode ser. Se durante as décadas de 50 e parte da década de 60 o governo federal fazia promoção cultural por meio da divulgação da nossa arquitetura moderna, até mesmo com a distribuição de cartões postais com edifícios notáveis, desde o golpe de 64 isto deixou de ser feito. Os arquitetos ao mesmo tempo em que foram aliados de diálogo com o governo autoritário, fecharam-se no âmbito das escolas e das entidades profissionais. De qualquer forma, a arquitetura brasileira tem força, quantidade de realizações e originalidade. Como forma de validação da importância da nossa arquitetura é necessário propor formas inovadoras de divulgação. Em escala muito reduzida, existe um interesse de turistas diferenciados por nossa arquitetura. Mas é muito restrito o elenco de arquitetos brasileiros conhecidos no exterior, e a ampliação deste espectro é fundamental.

Quando tive a oportunidade de organizar com o Arquiteto Luiz Fisberg e a colaboração do Arquiteto Paulo Fujioka, a 3ª. e a 4ª. Bienais Internacionais de Arquitetura, procuramos torná-la uma grande vitrine do passado e do presente da arquitetura, apresentados de forma palatável para quem ingressasse no Pavilhão das Indústrias do Parque Ibirapuera, em São Paulo. A visita na 3ª. BIA ultrapassou os 100 mil interessados no curto período em que ficou aberta e possibilitou receber incentivos para a organização da 4ª. edição com muito mais recursos e o imprescindível apoio da Fundação

Bienal de São Paulo. Lamentavelmente, depois da 6ª. edição o IAB rompeu relações com a Fundação Bienal e as mostras posteriores ficaram cada vez mais voltadas ao público interno.

Importante lembrar que nos Estados Unidos o Docomomo local promoveu a constituição de uma associação de proprietários de imóveis modernos qualificados. Analogamente, poderíamos propor assistência a moradores de edifícios de apartamentos, edifícios comerciais e de casas, que tem sempre problemas relativos à sua preservação seja por meio de associações ou individualmente. Complementarmente penso ser importante trazer para o Docomomo os admiradores do moderno, independentemente de sua formação ou de sua inserção em instituições de pesquisa ou ensino. A participação de leigos, proprietários ou não de imóveis certamente ampliará a penetração e a repercussão das iniciativas da nossa instituição.

Defendo, ainda, que o Docomomo reivindique representação nos conselhos de preservação de modo a trazer a questão o trato dos edifícios modernos com a relevância que deve ter, de certo modo, contrapondo-se ao interesse tradicional desses conselhos, voltado para os edifícios mais antigos. Sei que muitos companheiros de Docomomo são contra essa institucionalização, mas os órgãos de preservação têm sido diminuídos e desprestigiados pelos governantes dos mais variados matizes ideológicos. O nosso interesse em participar ativamente da condução dos Conselhos significará também uma valorização desses órgãos perante a administração pública, em razão de nossa independência em relação aos entes tradicionalmente envolvidos com preservação do Patrimônio Cultural. Para tanto deveremos nos unir a outras organizações que devem ter lugar nos conselhos de preservação como o Icomos e as Sociedades que defendem a preservação e valorização de bairros.

Concluindo, vejo o Docomomo ampliando sua penetração na sociedade e tornando o nosso trabalho mais visível, concomitantemente com a continuidade do notável crescimento da produção científica dos associados. Esta junção de esforços será muito benéfica para todos e para a Arquitetura Brasileira.